



## **O SEQUESTRO DO IMAGINÁRIO E A ESCRITA DA HISTÓRIA: O CASO DOS MEMES HISTÓRICOS E AS RECEPÇÕES DO NAZISMO**

**Caroline Alves Marques Mendes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

carol\_pnk77@live.com

**Marcella Albaine Farias da Costa**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

marcellaalbaine@gmail.com

### **Resumo:**

A era digital abre novas possibilidades comunicativas aos sujeitos envolvidos nos processos de produção, escrita e ensino da História. O presente texto tem por objetivo discutir especificamente a linguagem dos chamados memes, pensando-os enquanto possibilidade recursiva na divulgação e no ensino da disciplina de História na educação básica. Articulado a universidade e a escola de forma não hierarquizada, pretende-se abordar o processo de construção de memes históricos com alunos do ensino médio de um colégio do Rio de Janeiro e a posterior análise do material com licenciandos da disciplina de Didática Especial de História da UFRJ, problematizando, a partir do diálogo entre Ensino de História, História Pública e História Contemporânea, o predomínio da temática do nazismo nas produções discentes.

**Palavras-chave:** Memes históricos; nazismo; Ensino de História; História Pública; História Contemporânea.

### **Abstract:**

The Digital Era opens up new communication possibilities to the subjects involved in production processes, writing and teaching of history, as a discipline. This paper aims to specifically discuss the language of so-called memes, thinking them as recursive possibility in the dissemination and teaching of history discipline in basic education. Articulating University and School in a non-hierarchical manner, we intend to approach the process of building historical memes with high school students from a school in Rio de Janeiro and the subsequent analysis of the material with students of Special Teaching Formation School of history discipline at UFRJ, questioning, from the dialogue between History Education, Public History and Contemporary History, the predominance of Nazi themes in students productions.

**Keywords:** Historical memes; Nazism; History teaching; Public History; Contemporary History.

## POR QUE INVESTIGAR SOBRE OS MEMES HISTÓRICOS?

O que são memes? Quais as ideias que eles carregam? Será que nós, historiadores e professores de História, temos pensando e investigado sobre esse fenômeno da atualidade inserido na discussão mais complexa relativa à Era Digital? E ainda: eles podem ser utilizados enquanto recursos didáticos? De que forma? Que cuidados tomar?

A respeito destes questionamentos, constatamos que as respostas possíveis a estas indagações vêm mais de nossas experiências empíricas enquanto professoras e pesquisadoras do que de reflexões teóricas, pois carecemos de autores e referências bibliográficas que já tenham se debruçado sobre este tema. Afinal, esta é uma discussão extremamente atual e justamente por isso vemos o presente texto como uma contribuição.

Conforme a explicação de Pessi (2015):

Vemos nos últimos anos a disseminação de um interessante fenômeno: os memes. Os memes são informações que se espalham rapidamente pela Internet na forma de vídeo, imagem, *hashtag*, palavra ou frase, utilizando como meio de propagação as redes sociais e *blogs*, principalmente. Os memes podem se tornar populares rapidamente ao redor do mundo e desaparecer por completo em poucos dias. Os memes estão associados ao fenômeno de viralização de uma informação, que atinge grande popularidade. Associando imagens ou vídeos que chamam a atenção a frases ou palavras, os memes transmitem informação aos usuários da Internet, mas a viralização muitas vezes acaba por banalizar essa informação, tomadas como algo com início meio e fim em si (PESSI, 2015: p. 939).

Neste sentido, compreendemos que a ideia que está por trás do meme não é algo que nasça na cultura digital, pois desde sempre tivemos informações levadas adiante que se pretendiam ser perpetuadas. Entretanto, destacamos a formulação de memes em formato digital como um fenômeno da nossa atualidade, e assim apresentaremos a seguir uma proposta realizada no início do ano de 2016 em um espaço escolar com alunos de ensino médio no Rio de Janeiro e a posterior análise do material construído no âmbito do curso de formação de professores de História da UFRJ, no qual estivemos inseridas como discente e docente, respectivamente.

Consideramos relevante explicitar que nossa parceria surgiu exatamente desse encontro na disciplina de Didática Especial de História II ministrada na Faculdade de Educação da UFRJ e indo para além dela, tornando-se um profícuo entrelaçamento de interesses de nossos objetos de pesquisa. Desta forma, o presente

artigo, refletido e construído por olhares distintos e complementares, procurará dialogar, evidentemente sem pretendê-las esgotar, com as discussões do Ensino de História, da História Pública e da História Contemporânea.

A ponte com o Ensino de História é feita na medida em que a abertura do ano letivo no espaço escolar sempre nos provoca e convida a pensarmos em novas atividades, em novos formatos e/ou em propostas ousadas que visem instigar os discentes a pesquisar e produzir conhecimento histórico. Em um mundo saturado de tecnologias, como prender-lhes a atenção? Como sensibilizá-los ao estudo da História, a nosso ver, tão relevante e necessário? Este, sabemos, não é um processo fácil, mas acreditamos, caminhando com autores como Monteiro (2007), que a escola é um espaço de produção de saberes dentro de uma especificidade própria.

Assim, na turma de primeiro ano de ensino médio de uma escola da rede particular de ensino, localizada próxima às comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, a construção de memes históricos foi a atividade inicial proposta a este público no ano de 2016. Explica-se: objetivava-se verificar qual a concepção de História que eles traziam do ensino fundamental e assim produzir memes que tivessem por função transmitir alguma mensagem relacionada ao conhecimento histórico. Por isso nosso interesse no diálogo com a História Pública, pois os memes históricos podem ser formas de propagação do conhecimento histórico para um público amplo, vide o exemplo da comunidade intitulada “Memes Históricos” presente na rede social *Facebook*<sup>1</sup>.

Cabe destacar que o conceito de História Pública abarca não apenas os profissionais da História, mas também a interdisciplinaridade de diferentes especialistas:

Busca-se pensar a história pública como possibilidade de difundir o conhecimento histórico – de maneira responsável e integrada – para amplas audiências; por meio de arquivos, centro de memória, museus, televisões, rádios, editoras, jornais, revistas, organizações governamentais e não governamentais, além da própria sala de aula. O conceito de história pública não é novo, mas a reflexão sobre sua especificidade na academia vem se expandindo nos últimos anos<sup>2</sup>.

E ainda:

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/memesd4historia4/?fref=ts> Acesso em 28 mai. 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.iqe.org.br/imagens/clippings/HistoriapublicaensinodeHistoria.pdf> Acesso em 28 mai. 2016.

[...] fazer história pública não é só ensinar e divulgar determinado conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. [...] A pergunta que deve ser feita na realização dessas práticas é como a academia e a escola podem, em seu interior e a partir de seus pressupostos, colaborar para gerar uma história mais humana e democrática fora delas. Ou, ainda, como podem contribuir para a publicização da história sem reduzi-la à mera curiosidade ou à leitura rasa dos fatos<sup>3</sup>.

Os memes, como se sabe, devem conter alguma característica engraçada, o que nem sempre é fácil de ser feito dentro de padrões éticos que uma produção feita na escola demanda. O que isto quer dizer? Isto quer dizer que o riso e o risível foi um aspecto trabalhado com os alunos dentro da proposta da referida atividade, ou seja, foi destacado que eles tivessem cuidado ao elaborar seus materiais para que os mesmos não fossem porta vozes de visões estereotipadas ou preconceituosas que abrissem brechas para críticas no que tange a uma postura não cidadã dentro escola.

Visou-se estabelecer a conexão entre uma forma alternativa de escrita da História escolar e a criatividade dos jovens estudantes que estão acostumados a compartilhar memes em suas redes sociais para que, desta forma, pudesse ser observado aquilo que mais forte estava em seus imaginários construídos ao longo dos anos anteriores no sistema escolar. Desta forma, foi problematizado com eles os cuidados de elaboração e como iriam negociar o formato da linguagem formal e informal e a escrita textual e imagética que o meme pressupõe, além de se discutir o próprio processo de busca destas imagens. Também foi indicada a plataforma para que eles criassem seus memes<sup>4</sup>.

A atividade contou com o amplo envolvimento dos alunos, que tiveram uma semana para a elaboração dos seus trabalhos e, neste decorrer, por inúmeras vezes procuraram tirar dúvidas e pedir ajuda. Dos 17 trabalhos apresentados, 6 focaram no tema do nazismo / figura de Adolf Hitler, justificando nossa relação aqui com a discussão da História Contemporânea, conforme discutiremos no tópico a seguir. Outros fizeram alusão à figura de Lula, Barack Obama, Napoleão Bonaparte, Getúlio Vargas, George Washington e Tio Sam, enquanto outros focalizaram na época dos dinossauros, na chegada dos europeus à América, na Crise de 29 / a atual crise do

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> O *site* indicado para a construção do meme pode ser acessado a partir do seguinte endereço: <https://imgflip.com/memegenerator>. Acesso em 26 mai. 2016.

Brasil de 2016 e na Guerra de Canudos. Portanto, múltiplas temporalidades foram acionadas. Múltiplas subjetividades vieram à tona.

A atividade foi de tal forma instigante que consideramos enriquecedor apresentá-la para futuros professores de História no âmbito do curso de Didática Especial de História II na UFRJ, dentro da aula dedicada a pensar sobre “O uso de imagens na aula de História”, e posteriormente, seguindo a sequência dos encontros semanais, na aula “Ensino de História, História digital e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs)”.

Todos os memes criados pelos alunos da educação básica foram mostrados aos licenciandos, que puderam opinar e debater sobre os mesmos em consonância com os tópicos das aulas – os usos e apropriações de imagens e a discussão de História digital, por ser este um recurso que viraliza, ou seja, que rapidamente é propagado nos meios digitais. Indubitavelmente, a predominância da temática do nazismo foi o fator que mais foi destacado. É sobre isso que nos dedicaremos a pensar a seguir.

## **ANALISANDO A PREDOMINÂNCIA DO TEMA DA SEGUNDA GUERRA NOS MEMES HISTÓRICOS**

*"Minha imagem do Holocausto era como um quadro na parede: bem emoldurado para fazer a separação entre a pintura e o papel de parede e ressaltar como diferia do resto da mobília." (BAUMAN, 1998: p. 9).*

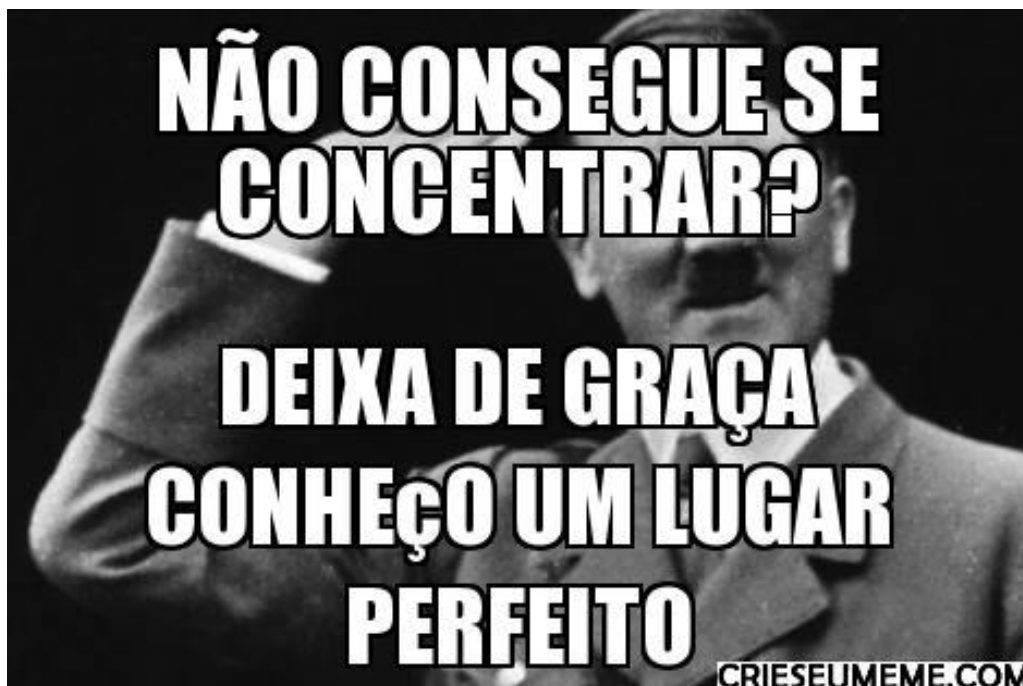
A partir de agora, a abordagem pode parecer mais específica, por se tratar de um tema particular dentro da História, porém, acredita-se que a base dos questionamentos e principalmente o estímulo para que eles sejam feitos pode estar relacionado a qualquer objeto de pesquisa historiográfica. A possibilidade de parecer mais específico se deve ao fato de que o tema mais abordado pelos alunos para a feitura dos memes foi o da Segunda Guerra Mundial, assim, a intenção deste trabalho será de provocar o questionamento (que tenderá para uma abordagem mais sociológica) sobre o porquê da preferência dos estudantes por esse conteúdo e sobre o papel do professor frente a este fenômeno.

Foram selecionados três trabalhos sobre nazismo construídos pelos educandos para serem exibidos neste artigo. Os exemplares abaixo foram escolhidos, pois sintetizam bem a informação que todos os memes produzidos quiseram passar: a

ideia de fazer piada (prática essencial para que o trabalho se configure como um meme, de acordo com a linguagem própria da internet) com o que os alunos entendem e têm conhecimento sobre a crueldade de *um* (aqui o artigo indefinido tem o papel de demonstrar que essas são interpretações de uma figura história que, como tal, está sujeita a variadas perspectivas) Adolf Hitler que, por estar presente em todos os trabalhos que abordaram o tema, mais parece ser o único responsável pela Segunda Guerra Mundial:

**Figura 1-** Meme.

Descrição: a imagem de fundo traz Adolf Hitler em posição de continência e bastante caracterizado por seu uniforme e bigode. Há uma inscrição: “Não consegue se concentrar? Deixa de graça, conheço um lugar perfeito”, se referindo à concentração requerida pelos estudos escolares.



**Figura 2 –** Meme.

Descrição: a imagem de fundo mostra Adolf Hitler, novamente em seus trajes característicos, em montagem digital, levantando seus óculos escuros e olhando fixamente para um ponto não explícito na imagem com a seguinte legenda: "O que é aquilo? Um país não invadido.".



**Figura 3** – Meme.

Descrição: montagem com uma série de quatro fotografias de Adolf Hitler, gesticulando, aparentemente em algum discurso público, de forma a parecer uma dança de vitória que simbolize a comemoração, por parte do líder nazista, pela invasão de um novo país. A legenda da foto diz: "Uhuu mais um país invadido com sucesso". Novamente, o humor está presente no fato de uma personagem histórica tão importante e, reconhecidamente, cruel pelos seus atos, estar sendo representada como uma figura feliz.



Serão feitas algumas interpretações a respeito do sentido dos memes, sempre considerando que o material apresentado, composto por imagem e texto que se relacionam, é polissêmico e que é produzido por indivíduos que não estão inseridos na academia e que, portanto, não tem o compromisso de "obedecer" às regras epistemológicas da historiografia. Essas interpretações, em primeira instância, têm como objetivo fomentar o debate sobre as possíveis leituras do conteúdo apresentado por esse material e não têm a intenção de esgotar a análise sobre eles.

Sobre a Figura 1, percebe-se, a partir da nossa interpretação, a intenção de tentar inserir o tema escolhido no cotidiano da escola através da comparação entre o espaço escolar, onde os autores dos memes, muitas vezes, podem se sentir presos, e os denominados campos de concentração nazistas, um dos símbolos mais populares da Segunda Guerra e que, portanto, estão presentes no imaginário dos autores. Nas figuras 2 e 3, a piada é feita com o grande número de países ocupados pelo regime nazista, fato histórico também bastante popular<sup>5</sup>. Em ambos, a figura de Hitler é ridicularizada, fazendo jus à essência da ideia de meme, conforme dito, que é fazer humor e, nesses três casos, mais especificamente, sátira, sobre qualquer tipo de tema.

Para que a problematização do fenômeno presenciado em sala de aula seja feita, a organização desse tópico do trabalho se dará com uma divisão em duas partes: na primeira, será analisada a relação do estudante com o tema e na segunda, a do educador. Essa relação será analisada a partir do que o aluno e o professor já têm, de antemão, de conhecimento sobre o tema da Segunda Guerra Mundial e sobre o que mais julga-se essencial que ele saiba sobre o conteúdo.

Em uma perspectiva educacional centrada nos interesses do aluno, na qual o conteúdo que ele já tem acerca do tema é valorizado e compreendido como contribuição ao conhecimento produzido na escola, é muito importante que, para além dessa valorização, o educador se interesse em buscar as fontes de onde são retiradas as informações que baseiam o conhecimento prévio do discente sobre o conteúdo.

Assim, frente ao fenômeno apresentado, além da informação em si, saber de quais meios de veiculação de informação esses estudantes estão reféns é

---

<sup>5</sup>Aqui, e em outros casos durante o texto, o termo popular é utilizado para nomear aquilo que é quantitativamente conhecido dentro e fora do meio acadêmico, portanto, não carrega consigo quaisquer conotações de classe social. Em outras palavras, o fato acadêmico que é bastante explorado por outros veículos de informação e conhecimento que não o historiográfico.



essencial<sup>6</sup>. Através do conceito de recepção, explicado abaixo, entende-se que o conteúdo histórico produzido pela sociedade civil, ou seja, fora do ambiente acadêmico, principalmente em mídias populares como literatura e cinema, são formadores de "recepções" do tema e que o movimento é fluido, pois a demanda popular é essencial para a produção dessas obras: "a vida histórica da obra literária é impensável sem a participação ativa de seu destinatário" (JAUSS, 1970: p. 169)<sup>7</sup>.

As obras cinematográficas não se constituem como o único meio de informação histórica fora do ambiente escolar, mas são as mais populares ferramentas de "enquadramento de memória" (termo abordado mais a frente). Sobre elas, Marc Ferro defende que ao contrário da história que se costuma denominar como oficial, o filme é um *agente* da história, pois contribui para uma conscientização (FERRO, 1992. *passim*<sup>8</sup>) e que é o tempo presente (do filme) que comanda a sua ação, bem como as imagens históricas que permanecem no imaginário de uma sociedade são aquelas produzidas pelo cinema. Um dos maiores exemplos para essa afirmação é o cinema de propaganda nazista, uma importante ferramenta para disseminação de antijudaísmo na Alemanha. E é desse material parcialmente construído que os discentes dependem para ter conhecimento sobre temas históricos antes de ter contato com a historiografia<sup>9</sup> na escola.

Portanto, é preciso questionar, junto aos estudantes, a possibilidade de novas abordagens, além das que eles já têm conhecimento. O discurso histórico dos materiais (didáticos ou não) sobre a Segunda Guerra Mundial é baseado, em sua maior parte, na memória de quem viveu o regime nazista e a experiência do Holocausto (sobreviventes da guerra e/ou ex-membros do partido nazista). Sabendo dessas informações, a turma, com o auxílio do professor, deve questionar o conceito

---

<sup>6</sup> Não se adequa a intenção deste trabalho a incumbência de investigar todas as fontes de informação das quais os alunos estão reféns. Podemos afirmar que a mídia de massa exerce papel central na proliferação de informações sobre a Segunda Guerra Mundial, porém não nos é possível traçar os limites desse campo. Sobre o papel da mídia digital na propagação de ideais negacionistas gerando uma disputa digital de memória, indica-se o trabalho de SILVA, 2006.

<sup>7</sup> *A Estética da Recepção* surge a partir das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jauss (1921–1997) em aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança. Na palestra, com o título de *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* A conferência de Jauss é publicada, em 1969, com o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária*, após a ampliação de algumas idéias pelo autor.

<sup>8</sup> Esse recurso de citação bibliográfica é utilizado neste trabalho, pois, como o próprio Ferro menciona, logo abaixo da dedicatória que faz a Jacques Le Goff, esse livro é uma coletânea de trabalhos publicados em diferentes momentos de sua carreira. Assim, muitas ideias, como Ferro mesmo adverte, são repetidas em diferentes partes desse, agora, livro. Por essa razão torna-se difícil listar todas as ocorrências do que se quer destacar em alguns momentos.

<sup>9</sup> Sobre o termo "historiografia escolar", vide tópico anterior.

de memória em si, sobre suas possibilidades e limitações dentro da produção de conhecimento histórico e sobre seu papel social através da historiografia.

Identificar, através de exercícios sucessivos de análise, dentro de todos os temas que a historiografia pode abordar, quais são os mecanismos e atores que interferem na produção das memórias oficiais, é essencial para abordar o tema das disputas de memória dentro do ambiente acadêmico. Além da oficial, a memória subterrânea<sup>10</sup> - que nem sempre se contrapõe somente à história oficial, pois a sociedade englobante, da mesma forma, se sobrepõe à história das minorias - também pode fazer parte do conjunto de possibilidades de se obter conhecimento sobre um tema histórico.

Através dos documentos produzidos pela memória subterrânea, o historiador pode ter acesso a versões diversas da história, através de testemunhos individuais ou de pequenos grupos que relatam suas próprias experiências de vida através de documentos pessoais e/ou explanação oral. Assim, o educador não se limita apenas a narrativa criada pelas instituições oficiais e pelos grupos sociais majoritários. Apesar de ser um exercício exaustivo para o profissional da educação, a memória subterrânea deve alcançar o mesmo *status* e mesmo nível de importância que a memória oficial tem em sala de aula.

Há problemas em tentar reconstruir um fato histórico baseando-se apenas em testemunhos pessoais. Muitas vezes as testemunhas (vítimas) se abstêm de falar por razões políticas que possam provocar uma crise no aparelho estatal por questionar tradições como, por exemplo, os símbolos nacionais ou a trajetória dos partidos e das instituições políticas; e também por razões pessoais, como vergonha, medo, necessidade de se adequar ao meio social atual. Sobre isso, Pollak define:

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. (POLLAK, 1989: p. 8).

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia perda de emprego ou revogação de um contrato de locação. "Compreende-se por que certas

---

<sup>10</sup> O diálogo entre as locuções “memória oficial” e “memória subterrânea” é decorrente das ideias de POLLACK, 1989, p. 3-15.

vítimas da máquina de repressão do Estado-SS - os criminosos, as prostitutas, os "associais", os vagabundos, os ciganos e os homossexuais - tenham sido conscienciosamente evitadas na maioria das "memórias enquadradas e não tenham praticamente tido voz na historiografia." (POLLAK, 1989: p. 12)

Reinterpretar a memória oficial ou "memória enquadrada", como alguns historiadores e teóricos sobre o tema costumam chamar, pode se tornar um costume, uma tarefa natural, quando os estudantes estão preparados para perceber as fragilidades da organização dessas histórias "montadas" para serem plausíveis com a intenção de manter (ou inventar<sup>11</sup>) o sentimento de pertencimento a um grupo social ou a uma nação que se encontra em crise ou que está em processo de formação.

Durante o século XIX, era muito comum entre os autores alemães, incentivados pelo desenvolvimento da criação de sua Nação, a necessidade de inventar um passado histórico relacionado ao seu povo para que uma identidade e, conseqüentemente, uma unidade fosse formada. E um dos mais importantes aspectos da personalidade alemã, para muitos cidadãos alemães, era não ser judeu. Portanto, durante o século XIX, que foi uma época de grande expansão e propagação da prática antijudaica, com argumentos que legitimavam o racismo através da ciência, porém sem excluir a intervenção de Deus, o desenvolvimento da ideia de um "povo alemão" foi feito também a partir da negação do ser judeu e, conseqüentemente, da afirmação do ser ariano. E esse movimento antijudaico que *constrói* um passado alemão, em outras palavras, inventa uma memória, comprovadamente, ajudou a fundamentar o pensamento nazista no século seguinte (MENDES, 2015: p.8). A ideia aqui é anunciar os problemas da criação de memórias não apenas para a historiografia, mas também para a História.

Como enunciado, será examinada agora a relação do professor com o tema da Segunda Guerra Mundial. Porém, primeiramente, acreditamos que o educador deve se indagar sobre a simbologia/relevância do meme histórico em si, independentemente do tema escolhido para o material. Deve ser levado em conta que a sociedade civil tem demandas por conhecimento histórico vindas dos seus mais diversos setores. Muitos fatores no âmbito social, cultural, econômico e político

---

<sup>11</sup> Termo cunhado por Eric Hobsbawm, presente na obra *Invenção das Tradições*, que procura analisar como certas tradições (práticas de natureza ritual ou simbólica) surgem e se estabelecem em determinados meios sociais para criarem a noção de pertencimento e legitimidade a uma nova ideia de nação. Um grande exemplo de nação a ser reinventada (por problemas econômicos, sociais, políticos) é o da Alemanha pós-Primeira Guerra e o desenvolvimentos das ideias nazistas.

interferem para que a produção de conhecimento vinda do historiador não seja quantitativa e/ou qualitativamente suficiente para essa demanda. Em outras palavras, na maioria das vezes o material historiográfico não ultrapassa os portões da academia.

Fundamentado pelas discussões destacadas pela História Pública, conforme dito no tópico anterior, o historiador deve repensar sua posição social de membro de um espaço acadêmico cujo mérito é ser o único meio de produção de conhecimento histórico e propor o diálogo horizontal com outras fontes de geração do saber. Repensando seu papel, o historiador compreenderá que o conhecimento histórico pode ser multidisciplinar e pode ser apropriado e reproduzido através de múltiplas linguagens, como no caso dos memes históricos analisados nesse trabalho. A intenção aqui é demonstrar que a democratização/expansão responsável do conhecimento é possível e deve ser discutida.

Novamente, sobre o conhecimento prévio dos estudantes, o docente deve se questionar sobre até que ponto conhecer um fato histórico apenas por um tipo de documento (o que se baseia apenas em discursos de memória) se reflete no interesse (o qual pode ser encarado como fascínio, em muitos casos)/aprendizado da turma sobre esse tema. A utilidade desse material para a disciplina de História também deve ser levada em consideração, pois, além de haver o proveito intelectual em si, ainda há a vantagem de que a conexão entre a vida dos estudantes dentro e fora da escola é mantida, já que o conhecimento que eles já adquiriram além dos portões do espaço escolar, agora, é útil do lado de dentro. Sobre a produção de material literário não histórico sobre o tema do nazismo, Pollak brilhantemente conclui:

Os representantes da comunidade judia deixaram-se levar a negociar com as autoridades nazistas, esperando primeiro poder alterar a política oficial, mais tarde 'limitar as perdas', para finalmente chegar a uma situação na qual se havia esborado até mesmo a esperança de poder negociar um melhor tratamento para os últimos empregados da comunidade. Esta situação, que se repetiu em todas as cidades - onde havia comunidades judaicas importantes, ilustra particularmente bem o encolhimento progressivo daquilo que é negociável, e também a diferença ínfima que às vezes separa a defesa do grupo e sua resistência da colaboração e do comprometimento. Seria tão espantoso assim que um historiador do nazismo tão eminente como Walter Laqueur tenha escolhido o gênero do romance para dar conta dessa situação inextricável? (POLLAK, 1989: p. 6)

A excessiva popularização do tema também deve ser objeto de atenção do professor. O fato de o esforço em preservar a memória do Holocausto ser tão grande

deve ser problematizado junto ao aluno, haja vista que é um dos "fatos históricos" que detém mais material produzido em mídias populares como literatura e cinema. Há algumas formas de questionar esse fenômeno midiático, uma delas é o fato de que talvez a propaganda hollywoodiana estadunidense, com a intenção de transferir a responsabilidade de todo e qualquer conflito nacionalista aos nazistas, tenha grande responsabilidade na popularização do tema através de suas obras cinematográficas. Porém, nesse caso, o critério de entendimento pode depender muito mais das questões ideológicas dos educadores, o que para esse trabalho não é relevante.

Adolf Hitler, em seu formato popular, se tornou, equivocadamente, o único e exclusivo responsável pelo Holocausto. O fato de que o movimento nazista teve maciço apoio da comunidade alemã e que contou com colaboracionistas de todo o mundo é, comumente, completamente negligenciado. Como já foi citado acima, isso se reflete diretamente na escolha das imagens e do conteúdo do texto dos memes, demonstrando de que forma a figura do líder nazista está presente no imaginário da turma.

Imaginário é um dos objetos mais caros aos historiadores, pois, por meio dele, se consegue (re)construir uma série de análises. O "sequestro" desse imaginário se refere a um tipo de visão *particular* sobre o que foi o nazismo. A mídia de massa, através, principalmente, dos meios eletrônicos, acabou por se consolidar e ganhar muita repercussão dentro dessa área. Ao ponto de que torna-se (quase) impossível falar de Alemanha sem que se lembre da experiência do nazismo. A análise aqui é pensar questões em torno desse imaginário, do sequestro das leituras sobre esse movimento e como se pode também escrever história a partir das recepções de experiências históricas, onde o meme se inclui.

A famosa figura de Hitler é uma "invenção" que inaugura uma tradição, já que em uma sociedade ocidental, culturalmente fundamentada em bases judaico-cristãs, a figura do líder nazista ganhou a tarefa de ser o "mal encarnado", em antítese ao líder cristão ocidental - Jesus. Em outras palavras, o que se propõe aqui é que o educador deve levar em consideração o aspecto mítico, presente no imaginário do aluno, sobre um personagem histórico. Aqui, o trabalho de investigação acerca da bagagem do estudante é muito mais profundo e requer disponibilidade muito maior do educador.

Porém, apesar do fato de que, com o passar das décadas, a sociedade ocidental tenha eleito Adolf Hitler como antagonista, e de ser essa sociedade culturalmente

alicerçada na tradição cristã, é indispensável que o educador tenha o conhecimento de que o movimento nazista originário teve suas bases de sustentação na religião cristã ocidental<sup>12</sup>. Através do maciço apoio e adesão das experiências religiosas de matriz cristã por meio de suas instituições e ações diretas contra os judeus, a igreja católica e, principalmente, a protestante (especificamente, a vertente luterana) ofereceu bases ideológicas para fundamentar o antijudaísmo nazista.

No período do Terceiro Reich, na Alemanha, a parcela da sociedade daquele país que era contrária ao povo judeu, por razões étnicas, biológicas, religiosas, culturais, econômicas, etc. encontrou, através da doutrina cristã, uma base religiosa para justificar a sua intolerância, pois realmente acreditavam da superioridade do cristianismo em detrimento do judaísmo (crença essa que já existia há séculos, entre os mais diferentes povos cristãos com os quais os judeus haviam convivido). E, apesar de parte desses indivíduos não acreditar na inferioridade do povo judeu por razões estritamente religiosas, ainda assim, pode-se afirmar que o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães fez uso dessa crença compartilhada pela maioria da população alemã, para justificar o extermínio da população judaica que vivia no território alemão.

Identificar e descrever essa prática cristã durante toda a história é um trabalho importante para compreender as origens do preconceito antijudaico. Saber que caminho ele percorreu é fundamental para entender como foi possível que o ódio ao povo judeu tenha sobrevivido durante tantos séculos até gerar um efeito tão violento como a solução final, realizada pelo regime nazista, no século XX.

Com todas essas informações, o professor pode concluir, juntamente aos estudantes, que o desenvolvimento do movimento nazista, com total apoio da sociedade alemã e internacional, os conflitos entre países e o colaboracionismo explícito das nações italiana e japonesa e a “solução final” (termo usado pelos nazistas para denominar o Holocausto), juntos, não configuram uma anomalia social, no sentido de fugir totalmente ao que se considera "normal" dentro das regras sociais do mundo ocidental, como muito se acredita e se defende no senso comum. A partir dessas informações e questionamentos, o desenvolvimento da doutrina nazista deve

---

<sup>12</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre o assunto, indicamos o trabalho de monografia de uma das autoras (MENDES, 2015) desse artigo onde há um material evidenciando a consonância entre a doutrina nazista e a cristã, representado por escritos, discursos e declarações de importantes membros do partido nazista, inclusive líderes e o próprio Adolf Hitler, demonstrando o quanto o cristianismo estava presente em sua doutrina.

ser encarado, então, como um produto indiscutivelmente direto e decorrente da própria sociedade em que vivemos. Zygmunt Bauman define muito bem essa perspectiva do movimento nazista com a qual ele mesmo concordava:

Acreditava (mais por omissão que por deliberação) que o Holocausto fora uma interrupção do curso normal da história, um câncer no corpo da sociedade civilizada, uma loucura momentânea num contexto de sanidade. Assim, podia pintar para meus alunos o quadro de uma sociedade normal, sadia, deixando a história do Holocausto para os patologistas profissionais. (BAUMAN, 1998: p. 10)

Treinado a fazer esses questionamentos apresentados e tantos outros (de fato, a intenção deste trabalho é mesmo estimular a autorreflexão sobre assuntos que, por serem excessivamente explorados pela mídia, como no caso da Segunda Guerra Mundial, são naturalizados pelos historiadores/educadores) com relação ao conhecimento prévio da turma e ao seu próprio sobre o conteúdo, o papel do professor será reavaliar como, em uma situação como a experiência da produção dos memes, a preferência dos alunos pelo tema da Segunda Guerra pode ser problematizada em sala de aula. A ideia que os estudantes têm sobre o tema deve ser reconfigurada em novas bases analíticas que discutam, em profundidade, as experiências históricas passadas e, sobretudo, essas mesmas do passado que constantemente se atualizam no tempo presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MENDES, Caroline A. M. *A recepção de Martinho Lutero no Terceiro Reich: a perspectiva cinematográfica de uma tradição inventada*. Monografia de conclusão de curso de Bacharelado em História. Rio de Janeiro, Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. 57 pp.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PESSI, Bruno Stelmach. *O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades*. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Diego Leonardo Santana. *Ciberespaço como ambiente de disputas pela memória: uma abordagem alternativa do holocausto*. Seminário Visões do Mundo Contemporâneo 3: Extremismos. Sergipe: 2006.

\*\*\*

**Caroline Alves Marques Mendes:** Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Marcella Albaine Farias da Costa:** Foi professora substituta de Prática de Ensino de História e Didática Especial de História na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e atualmente é professora de História da Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Doutoranda em História pela UNIRIO, mestre em Educação pela UFRJ, Especialista em Tecnologias da Informação Aplicadas à Educação pela UFRJ e Graduada em História (bacharelado e licenciatura) também pela UFRJ.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** maio de 2016

**Artigo aprovado para publicação em:** setembro de 2016

\*\*\*



**Como citar:**

MENDES, Caroline Alves Marques; COSTA, Marcella Albaine Farias da. O sequestro do imaginário e a escrita da História: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. **Revista Transversos.** “Dossiê: História Pública: escritas contemporâneas de História. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 54-70, Ano 03. set. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.23004.

